

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

53)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MAIO 5, 1838



CAPELLA DE S. JORGE EM WINDSOR.

CAPELLA DE S. JORGE DE WINDSOR.

ASSENTADA n'uma eminencia, visinha ao Tamisa, a sete leguas de Londres, está Windsor, formosa cidade d'Inglaterra. Porém o que mais a realça, e mais celebridade lhe tem ganhado, é o magnifico palacio campestre, ou casa de recreio dos monarchas inglezes; especie de castello real, que, dizem, fundára Guilherme o conquistador; morada dos primeiros reis do paiz, e residencia estimada de muitos até os nossos dias. No centro do edificio está a capella de S. Jorge, obra prima de architectura gothica, onde se fazem as reuniões e a investidura dos cavalleiros da ordem da Liga, ou Garrotea, instituida por Eduardo 3.^o, dia de S. Jorge do anno de 1349; donde veio o ficar o Sancto o patrono da ordem, sendo-o tambem da capella. Toda a fabrica desta é sumptuosa e bella, merecendo principal attenção o côro, do qual dâmos estampa. As cadeiras, ou assentos do soberano, e dos varios membros da ordem da Liga, estão por ambos os lados enfileiradas: são de madeira soberbamente entalhada, e os encostos de chapas de cobre dourado, e de cores, e nelles postos os nomes, titulos, e brazões dos nobres, a quem pertenceram, ou ainda pertencem. O manto, capacete, timbre, e espada de cada cavalleiro, estão collocados nos doces das respectivas cadeiras, e por cima destes as bandeiras, ou armas de cada um desenroladas em estandartes de seda.

Nesta capella ha muitos monumentos sepulchraes, curiosos de ver, e que não enumeramos, por interessarem particularmente á nação ingleza, pertencendo a individuos que nos são pouco conhecidos. Em 1813 mandou Jorge 3.^o, então regente, fazer indagações no carneiro, ou jazigo real; e com effeito se descobriu o corpo de Carlos 1.^o, e dizem que na cabeça, separada do corpo, ainda se distinguem grandes pareenças com as feições dos retratos do infeliz monarcha. Tambem por esta occasião se encontrou o esqueleto de Henrique 8.^o

No côro, proximo ao altar, ha uma entrada, por onde se desce ao jazigo da actual familia reinante.

CHRONOLOGIA.

II

TENDO dado n'um artigo antecedente [*] um resumo dos elementos desta sciencia, e havendo tractado das divisões do tempo chamadas *dia* e *hora*, fallaremos agora e em subsequentes artigos dos differentes annos, mezes e semanas que tem havido em diversos tempos e entre varios povos.

A ordem constante que a natureza observa na sequencia das estações devia ensinar aos homens qual era a duração de um anno: comtudo este conhecimento não podia ser senão approximado, e foi preciso que a astronomia fizesse consideraveis progressos para se chegar aos seguintes resultados: 1.^o que a duração do anno pôde ser determinada, com a maior exacção, pelo curso do sol desde um até outro tropico: 2.^o que a verdadeira duração deste curso, e por consequencia a d'um anno solar é de 365 dias, 5 horas e quasi 49 minutos. Tal é com effeito o anno astronomico; mas como no uso civil se não podia fazer caso das fracções, despresam-se, até serem equivalentes a um dia inteiro. O anno civil tem, por tanto, 365 dias; mas quando as horas, minutos e segundos, que sobejam cada anno, fazem a somma de 24 horas, intercala-se nesse anno mais um dia, e fica de 366. A este se chama *bissexto*, e aos outros, *annos communs*.

(*) Panor. vol. II. pag. 58.

A natureza não indica a estação em que se deve começar o anno, se no inverno, na primavera, no verão, ou no outono; por isso os legisladores ora teem seguido uma epocha, ora outra.

Não permite tambem a natureza o apontar-se exactamente o momento em que principia cada estação. Vê-se, além disso, que as estações não teem todas a mesma duração. A primavera e o estio duram 186 dias, mais ou menos algumas horas, em quanto o outono, juncto com o inverno, não duram senão 178. A razão desta desigualdade está na figura da ecliptica, que faz com que a terra ande mais devagar á roda do sol no verão, do que no inverno [*].

Depois dos annos e estações, segue-se fallar dos mezes. A revolução que a lua faz á roda da terra, durante um dia e uma noite natural, ou, pouco mais ou menos, 24 horas, nunca serviu de escalla para medir o tempo, porque para a porção deste, a que essa revolução podia servir de medida, serve muito melhor o sol. Não acontece o mesmo a respeito do curso que a lua faz passando pelo zodiaco: como durante este curso a sua configuração parece mudar quatro vezes, estas variações periodicas deram uma boa divisão para medida do tempo.

A estas quatro apparencias, ou *phases* da lua, se chamou lua nova, crescente, lua cheia, e minguan-te. O tempo, que decorre de uma lua nova até outra, fórma um *mez*. Mas a verdadeira duração desta revolução não se pôde conhecer senão depois de muitas observações astronomicas: calcularam os sabios, que é de 29 dias, 12 horas, 44 minutos, 3 segundos, e 12 instantes. Não se podendo fazer caso destas fracções na vida civil, introduziram os legisladores, em vez deste mez natural, um mez civil, composto de certo numero de dias inteiros: alguns povos tiveram mezes lunares, todos eguaes em numero de dias; outros, mezes deseguaes.

Os astronomicos chamam *mez solar* ao tempo que o sol gasta em passar cada uma das casas ou signos do zodiaco. Mas como elle não atravessa estes signos no mesmo espaço de tempo, os astronomicos, para terem mezes de igual duração, dividiram em 12 partes eguaes a totalidade do tempo que o sol gasta em correr os 12 signos do zodiaco. Cada um destes mezes vem a ser exactamente a duodecima parte de um anno. O maior numero de legisladores compozeram este de mezes solares. Outros povos tomaram por mez civil o mez lunar, attendendo talvez a que lhe parecia que, depois de doze revoluções da lua, entravam outra vez na mesma estação, e que assim se havia passado um anno. Estes annos lunares vinham assim a ser de pouco mais de 354 dias, sendo a sua differença do anno solar, de quasi 11 dias. Disto resulta que durante 32 annos solares passam 33 lunares.

A divisão do tempo em semanas é inteiramente arbitraria: comtudo, encontramos-la entre os mais antigos povos. A maior parte delles tinham semanas de sete dias, alguns de oito, outros, emfim, de dez. Passam os caldeus por inventores das semanas de sete dias. De terem os povos, que teem annos e mezes solares, adoptado semanas de sete dias, resultaram dois inconvenientes, que são, nem os mezes, nem o anno terem um numero redondo de semanas.

Tudo o que os legisladores ordenaram para fixar o dia em que o anno devia começar, e o numero de dias de que se devia compor cada mez, foi denominado *fórma do anno*. Chama-se *calendario*, ou, de uma palavra arabe, *almanach*, o quadro dos dias, semanas, e mezes, que constituem o anno civil. Este quadro indica ao mesmo tempo os dias que os legisladores civis ou religiosos ordenaram se festejassem, e os

(*) Veja-se o artigo acerca da astronomia no n.º 52.

caracteres naturaes e astronomicos que caracterizam certos dias, &c.

A fórma do anno que mais nos importa conhecer é a do anno gregoriano, estabelecido entre a maior parte dos povos europeus. Para delle dar uma idéa clara, é necessario fallar primeiramente do anno juliano, que foi corrigido por estoutro.

O anno juliano tem este nome porque foi introduzido na republica romana por Julio Cesar. O auctor do calendario juliano suppoz que o anno solar era de 365 dias e 6 horas. Ora, como estas 6 horas, repetidas 4 vezes, formam um dia, ordenou-se que este dia excedente fosse intercalado todos os 4 annos. O quarto anno deste calendario era, portanto, sempre um anno bissexto de 366 dias. Dividiu-se o anno em 12 mezes civis. Sete destes mezes são de 31 dias, quatro de 30, um só, o mez de Fevereiro, é de 28 nos annos communs, e de 29 nos bissextos; disposição, em verdade, desarrazoada, pois a ordem em que vão alternados os mezes maiores e menores não é fundada em cousa alguma. Outra impropriedade deste calendario é a epocha do principio do anno. Não cae em nenhum dos quatro pontos cardeaes, mas sim no 1.º de Janeiro, oito dias depois do solsticio do inverno. A divisão do anno em semanas de sete dias, é posterior muitos seculos, e foi introduzida pelos christãos.

O principal defeito do anno juliano era ser alguns minutos maior do que o anno verdadeiro: esta differença, que nada parece, augmentava um dia no fim de 128 ou 129 annos, e isto bastou para que no seculo 16.º se percebesse que a ordem das estações estava alterada. Na christandade causou semelhante successo grande confusão, por causa da festa da Paschoa. Tinha decidido o concilio de Nicéa que esta festividade nunca fosse no mesmo dia em que os judeus celebram a sua paschoa, mas que se fixasse no domingo immediato á primeira lua cheia depois do equinoxio da primavera. No tempo do concilio de Nicéa este equinoxio caía a 21 de Março, mas no seculo 16.º achou-se que caía a 11. Desde o seculo 15.º que se conhecia a necessidade de reformar o calendario. Pedro d'Ailly, cardeal de Cambrai, apresentou ao papa João 23.º, no synodo de Roma de 1412, um tractado sobre este objecto. Fê-lo ler depois no concilio de Constança, em 1417; mas nem este concilio, nem o de Basiléa, em que ainda se tractou disso, decidiram nada a semelhante respeito. Em 1475, o papa Sixto 4.º pensou seriamente na reforma do calendario; mandou vir para Roma, a fim de o consultar na materia, o celebre mathematico João Muller, mais conhecido pelo nome de Regiomontano. Morreu este sabio no anno immediato, e nisto ficou o projecto do papa. Em 1516 Leão 10.º o tornou a encetar, e consultou varios mathematicos, principalmente allemães; tractou-se tambem deste negocio no concilio tridentino; mas todas estas tentativas saíram baldadas. Emfim o papa Gregorio 13.º levou a empreza a cabo. Encarregou da reforma do calendario a um habil astronomico italiano, Aloisio Lilio, e ordenou em 1581 que o novo calendario, redigido por este mathematico, fosse seguido em toda a christandade.

Para um subsequente artigo guardamos o tractado do calendario reformado, conhecido pelo nome de gregoriano, e que hoje está admittido em todos os paizes da Europa, á excepção da Russia.

NOVELLAS DE CAVALLARIA PORTUGUEZAS.

II

AMADIS DE GAULA.

2.º

PROMETTEMOS no antecedente artigo dar uma bre-

vissima idéa desta primeira novella de cavallaria: cumpri-lo-hemos aqui, tocando depois um ponto em que de proposito deixámos de fallar, e vem a ser a celebre questão ácerca de saber se esta novella é obra de um auctor portuguez, hespanhol, ou francez. Todas estas tres nações a pertendem para si; e na contenda os portuguezes parecem estarem peor que os seus adversarios, visto já não existir o original. Mas, ao cabo, são elles que teem razão, segundo nosso entender; e por isso não duvidámos de attribuir o Amadis a Vasco de Lobeira.

O rei Perion reinava na Gaula [França]: o rei Garinger na Pequena Bretanha, hoje a provincia de França deste nome. Levado pelo desejo de conhecer Garinger intenta Perion *uma longa viagem* [*]; e com effeito o encontra n'uma caçada; dão-se a conhecer um ao outro, e Perion é conduzido á côrte do seu novo amigo. Tinha este uma filha chamada Elisena, que se namora de Perion, o qual dahi a pouco parte para a Gaula, deixando-a grávida. — Ella para esquivar-se á infamia entrega o fructo dos seus amores á mercê das ondas, encerrado em uma caixa. Foi este Amadis. Encontrado por uma barca em que ia Gandales, cavalleiro escocez, este o salva e cria com seu filho Gandalim, depois escudeiro de Amadis. Os dois moços são levados á côrte de Languines, rei de Escocia. Aqui viu a Amadis elrei Lisuarte, que de Dinamarca vinha reinar em Inglaterra, o qual deixou na côrte de Languines a sua filha Oriana. Foi então que começaram os amores desta princeza com Amadis, que são o principal objecto da novella. Amadis é reconhecido por seu pae Perion, já casado com a filha de Garinger; e cresce em poder e renome. Mil difficuldades se alevantam para elle chegar a possuir Oriana, as quaes vence com repetidos actos de generosidade e valentia. Emfim o romance acaba de um modo incompleto com os trabalhos que nos seus ultimos annos cercaram a elrei Lisuarte.

É esta, em summa, a materia que enche o volumoso romance de Amadis, novella cheia de muitas paginas fastidiosas, mas tambem de muitas que grandemente excitam a curiosidade. O estillo em que está escripto é o de uma velha chronica do 15.º seculo, e notámos nelle uma grande semelhança com os escriptos do pae da nossa historia, o singello chronista de D. João 1.º, Fernão Lopes, que tantas vezes se mostra mais poeta, que muitos que se arrogam este titulo.

Traçado um leve esboço da novella de Amadis de Gaula, segue-se o tractado a questão de saber se o devemos attribuir a um escriptor portuguez.

Primeiro que tudo, é de notar que a tradição constante em Portugal foi sempre que o Amadis fôra composto por Lobeira. Antonio Ferreira, e o Dr. João de Barros, que escreveram no seculo dezeseis, não duvidam da-lo por certo: o conde da Ericeira n'uma conta dada á academia d'história, de certa collecção de livros, que andava examinando, diz que alli se achava um manuscripto do Amadis, sem que sobre isto faça admiração ou reparo; o que parece provar que naquella academia nenhuma duvida havia ácerca da existencia da novella, no original portuguez. Mas não era só nossa esta opinião: a maior parte dos escriptores hespanhoes convem em attribuir a Lobeira o Amadis de Gaula.

Pertendem os francezes [não todos os que na materia teem escripto] que esta novella fôra traduzida em hespanhol do idioma picardo, e Herberay diz a vira nesta lingua; mas isto nada prova. Quem impedia que os francezes traduzissem o original de Lobeira? — A outra objecção contra nós é ter feito o

(*) Liv. 1.º cap. 1.º

auctor os seus heroes francezes e inglezes: mas isto tambem nada próva; porque próva de mais. Os inglezes teriam ainda mais razão para pedirem a gloria desta obra, visto que, apazar de ser franceza a personagem principal, a maior parte dos acontecimentos põe-os o auctor em Inglaterra, e quasi todos os cavalleiros notaveis são deste paiz, á excepção de Amadis e seu irmão Galaor. O certo é que Lobeira tendo vivido no tempo de elrei D. Fernando 1.^o e de D. João 1.^o, tinha visto as proezas que em Portugal obraram os cavalleiros inglezes, a quem devemos os progressos que então fizemos na arte da guerra. Devia elle fazer portanto alta idéa da cavallaria daquella nação. Nada havia mais natural do que fazer da Inglaterra o theatro das façanhas dos seus imaginarios heroes. Como, porém, o agente principal de todos os successos devia ser o amor, naturalissimo era que o auctor buscasse um principe estrangeiro, que viesse tornar brilhante a côrte ingleza, com seus amores pela dama principal, a filha de Lisuarte, que não poderia aliás corresponder á afeição de um subdito de seu pae. Eis a razão obvia porque Amadis é francez.

Além destas observações ha uma principal, que ainda ninguém, que nós saibamos, se lembrou de fazer, o examinar em si a novella, para ver se das suas proprias entranhas se podia arrancar a certeza da sua origem. Se isto se tivesse feito, a questão estaria de ha muito decidida.

Citámos mui de proposito no primeiro artigo as palavras de Garciordonez, que diz emendára os tres livros de Amadis, que andavam viciados, e *trasladára* o quarto; aqui o verbo *trasladar*, é claro que não póde significar senão traduzir, o que mostra a olhos desapaixonados que a obra não era originalmente hespanhola.

Será franceza?—Dizemos, sem duvida alguma, que não. Perion encontrando Garinter diz-lhe que viera de mui remotas terras para o ver. Era possivel acaso que um escriptor francez fizesse o rei da Pequena-Bretanha desconhecido do da França, e pozesse na boca deste um tão descompassado erro geographico?—Além disto Perion e Lisuarte reúnem *côrtes*, nos casos difficeis e circumstancias importantes: nestas *côrtes* apparecem não os *barões* das antigas assembléas feudaes de Inglaterra e França, mas os *ricos-homens* e *homens-bons* das *côrtes* portuguezas. Emfim o auctor descreve a passagem do canal de Inglaterra como uma viagem de nove dias com vento favoravel. As frequentes relações de guerra e de paz entre a Grã-Bretanha e a França permittiam porventura que ignorasse um escriptor francez a distancia de um a outro paiz?

Nós poderíamos acrescentar muitos outros exemplos desta natureza; mas cremos serem de sobejo os que apontámos, para que á nação portugueza seja cedida a palma de ter saído da penna de um escriptor seu, a mais antiga e mais célebre das novellas cavalleirescas.

MODO DE CASTIGAR UM REI.

A SEGUINTE anecdota é referida pelo padre Manuel Bernardes nos seus Apophtegmas.

Indo dois procuradores de certa commuidade pedir a Philippe 2.^o não sei que mercê, o mais velho, a quem por essa circumstancia tocava o fallar primeiramente, e que era o que hoje o vulgo chama um *massador*, ou por outra um alentadissimo fallador, fez a elrei um prolixo e impertinente discurso sobre o negocio que requeria, moendo-o com elle por lar-

go tempo. Quando este acabou de fallar perguntou elrei ao outro, se tinha alguma cousa que acrescentar ao que o seu companheiro dissera. O frade que estava tão enfadado da impertinencia do outro, como elrei aborrecido de o aturar, respondeu: "Sim, senhor; a nossa commuidade me encarregou de que, no caso de V. M. não fazer o que pedimos, faça com que o meu companheiro torne a repetir-lhe tudo o que disse, desde a primeira letra até a ultima. Gostou elrei tanto da graça, ou tal medo teve de que a ameaça se cumprisse, que sem a menor dilatação despachou o negocio como se pretendia.



MEDUSA EM FORMA DE CAMPAINHA.

(*Medusa campanulata.*)

AS MEDUSAS, OU ALFORRESCAS.

Os que habitam as costas marítimas, e tem o habito de passear nas praias, terão observado quando a maré vasa, algumas substancias, jazendo sobre a arêa, com a apparencia de corpos gelatinosos; no verão encontram-se em grande abundancia, e nos climas quentes são de extraordinario tamanho. Estas substancias, não obstante a sua fórma externa, sendo examinadas vê-se que são corpos dotados de certa vitalidade, e tão perfeitamente organizados para os seus naturaes destinos, como as outras obras do Creador, que nos parecem mais completas. São transparentes, e reduzem-se a quasi nada por evaporação, ou cocção. No seu interior observam-se linhas coloridas, mas nenhum indicio de circulação; com tudo parece verem-se nas bordas multiplicados vasos, que se julgam appendices da cavidade alimentar.

Muitas especies de medusas são phosphoricas, isto é, brilham de noite com uma luz pallida e azulada, como a do phosphoro, e esta vista, quando ellas fluctuam em numerosos cardumes sobre a superficie do mar, por uma noite escura, é um formoso espectáculo; algumas tambem possuem a propriedade de entorpecer a mão de quem as toca; e daqui veio o denominarem-nas os antigos *ortigas do mar*. Muitas tem sua graça e elegancia, quando fluctuam no elemento nativo, pelas côres delicadas que as enfeitam; e quasi todas as dos climas quentes se distinguem, ou pela fórma, ou pela côr. A nossa gravura representa, em ponto grande, uma das pequeninas alfor-

recas, que habitam os mares da Groenlandia, e que não tem uma pollegada de largura; e a damos, como amostra, para se ajuizar da immensa variedade da criação nas extremas escalas da vida. A sua configuração lhe deu o nome: a borda exterior do corpo é guarnecida de numerosas armas, que vão gradualmente adelgaçando para as pontas, e que parecem fios d'uma franja; estas armas habilitam o individuo a levar á boca o sustento; minutissimos peixes, ou quaesquer outras substancias animaes, que chegam ao seu alcance, lhe fornecem os meios de subsistencia.

DO ESTUDO DA GEOGRAPHIA E DA LIÇÃO DAS VIAGENS.

ENTRE as differentes sciencias, que teem por objecto o conhecimento da natureza, ha uma á qual todas as outras pedem auxilio; a geographia: entre todas as sciencias da mesma ordem é esta a de mais reconhecida utilidade, todavia, por inexplicavel singularidade, é de ordinario a menos sabida entre as pessoas de educação. Não, porque deixe d'entrar em o programma do ensino nas nações civilisadas, mas porque figura ali quasi *pro forma*. Pelo commum, findos os estudos collegiaes, e apparecendo no mundo, começam os mancebos a avaliar a importancia daquelle estudo; mas quasi todos, adiantando-se na idade, contentam-se, em lastimar a sua ignorancia na materia; e poucos são os que se applicam a restaurar o tempo perdido.

A mocidade, como todos sabem, é o tempo adequado áquelles conhecimentos em que a memoria trabalha mais que o juizo, e estando a geographia nesse caso, claro fica a necessidade de a fazer estudar nos tenros annos. A difficuldade por tanto consiste em vencer a tibiesa, que os alumnos em geral mostram para este estudo, tibiesa, que a final tambem chega ao mestre, que se cança de prégar a surdos.

No ensino da geographia, o mestre vê-se privado da grande vantagem que ha no ensino de quasi todas as sciencias naturaes, isto é, a de fallar ao mesmo tempo ao espirito, e aos olhos do discipulo. O zoologo mostra os seus animaes, o botanico as suas plantas, o mineralogico os seus cristaes &c., á medida que os vão descrevendo. Mas que póde mostrar em suas lições o geographo?—Uma folha de papel coberta de traços e garatujas, cuja vista não póde excitar a attenção do alumno, nem estimular-lhe a curiosidade. O meio infallivel de o interessar seria collocá-lo na presença dos objectos, que lhe pertendem dar a conhecer. Houve já quem disto se lembrasse, e até quem propozesse, perante numerosa assembléa, o plano d'um collegio nómada, cujos alumnos fossem estudar nas proprias localidades as principaes maravilhas da natureza e da arte, e ouvir na cima do Etna uma lição sobre os volcões, e em Ghizé uma dissertação sobre a estructura e destino das pyramides. Fallaria o auctor do projecto seriamente?.. Confesso que me custa a acredita-lo. Vejamos se não haveria meio d'alcançar o mesmo fim com menos despezas.

Qualquer de nós, ainda que uma só vez na vida tenha perdido de vista a chaminé de sua casa, conhecerá que a recordação dos diversos logares, que visitou, se liga em seu espirito, á dos incidentes que por lá presenciára. O caminhante a pé nunca se esquece do regato onde matára a sêde apoz longa jornada em um dia abrazador de verão; nem da aldéa que avistára distante na planicie, e onde não podéra entrar ao cerrar da noite, nem da estalagem, onde o seu bordão de peregrino, e as botas cheias de pó lhe acarretaram a glacial recepção do dono da pousada; lem-

bra-se da montanha, que lhe custára a trepar, e do banho involuntario em rio impetuoso, que intentára vadear. Todavia não é só o caminhante que póde instruir-se com esta excursão; á sua volta a narração da sua jornada iniciará os seus amigos na geographia do districto, que elle correu; de fórma que se tivesse viajado o mundo inteiro, a sua familia, e os visinhos seguiriam com elle um curso completo de geographia.

E' bem de conhecer que o resultado será o mesmo se em lugar de seguir a relação d'um viajante pela superficie do globo se tomarem para os diversos paizes novos guias, pelos quaes os ouvintes se interessem; e este interesse adquire-se promptamente a favor d'um homem, que nós conheçamos ter vencido, por animo ou perseverança, innumeraveis obstaculos e contratemplos, um só dos quaes parecesse sufficiente para deter o mais ousado. Todos nós em pequenos fomos amigos de Robinson e de Gulliver: sê-lo-íamos tambem de Cook e de Mungo-Park, se no-los inculcassem. Todo o segredo está pois em extractar viagens interessantes convenientemente para as edades e capacidades dos ouvintes; e em fazer o preceptor o papel do viajante com um mappa desenrolado, apontando as situações dos logares com as necessarias observações á proporção que segue o fio da sua narração. Quando mais tarde resumir syntheticamente as suas lições, e exposer os principios da sciencia, os seus educandos o ouvirão com gosto e aproveitamento. Nem obsta a isto o valor das definições, porque os termos proprios são de facil intelligencia, e se podem ir explicando opportunamente: nem tão pouco obsta a impertinencia do methodo para o professor, pois que, além de ser condição de nossa natureza a de nada obter sem custo, este trabalho nem é continuo, nem fadigoso.

LOUVORES DA NAÇÃO PORTUGUEZA.

HOJE é moda pela Europa maltractarem-nos os escriptores que de nós fallam. Verdade é que ordinariamente elles costumam logo ao pé do insulto pôr a demonstração de que nos não conhecem. Ainda ha pouco lemos n'um jornal francez de bastante reputação que as hortas de Lisboa e seus arredores só eram cultivadas por genovezes; porque *só elles sabiam tirar agua dos poços com certas machinas chamadas noras*. Destas lastimas apparecem aos centos por esse mundo. Felizmente escriptores conspícuos que fíeram os nossos livros, ou viram o nosso paiz, lá estão para alevantarem a voz em abono dos portuguezes. Poderíamos citar muitos; mas buscaremos um só na Hespanha, talvez o mais celebre e popular dos auctores daquelle nação, e que escreveu n'uma epocha, em que a má vontade e o ciúme entre as duas nações da Peninsula, estavam ainda vivos, e em todo o seu vigor. E' este o padre Feijó, na sua affamada obra, intitulada *Theatro critico*.

“Amo e venero a esta nobilissima nação [a portugueza] pelas razões que a fazem gloriosa em todo o orbe. O nascimento me fez seu visinho, e o conhecimento apaixonado. Os que sabem a primeira cousa, estranharão a segunda, porque entre povos limitrophes sujeitos a diversas corôas costuma reinar certa especie de emulação que os torna mal-avindos. Porém como o céu me deu um espirito desembaraçado destas preocupações vulgares, estimo o merito em qualquer parte que o encontre. Nem o paiz onde o sujeito nasce, nem o partido que segue, zajunctam um só grão de peso na balança em que examino o que vale.

“Torno pois a dizer que venero a nação portugueza por suas muitas qualidades relevantes, que conciliam o meu respeito. Brazões são, que a ornão a sua gloria militar, continuada até hoje desde os mais remotos seculos; o seu ardente zelo pela conservação da fé; a sua altesa nas letras, e a sua fecundidade em produzir excellentes engenhos.”

PROGRESSOS DOS ESTADOS-UNIDOS AMERICANOS.

Não ha paiz na Europa, que possa comparar-se á União americana, quanto ao augmento rapido da população. É verdade tambem que não ha um só paiz na Europa, á excepção de certas partes da Russia, que apresente superficies deshabitadas tão consideraveis como as que se acham no territorio das vinte e quatro republicas, que occupa 1.570:000 milhas quadradas, e não conta mais de nove habitantes por milha quadrada, ao passo que a Austria, a França, e a Inglaterra, contam 165 — 208 — e 257 habitantes por milha quadrada.

Os Estados-Unidos comprehendiam em 1798 quasi quatro milhões d'habitantes, em 1810 muito mais de sete milhões, e em 1835 já tinham quatorze milhões. Este augmento é estupendo; e entre as diversas causas, que para elle concorrem, não é a menor o enxame d'emigrados, que de muitas partes vão alli annualmente procurar patria. Esta emigração cresceu neste seculo: nos primeiros dez annos avaliava-se de 4:000 a 5:000 pessoas; de 1812 a 1821 a conta subiu a 8:000, não contando os emigrados das possessões inglezas do Norte-America; — em 1835 chegou a 35:000, e alguns jornaes americanos a levam muito e muito mais acima. Por esta fórma, os Estados-Unidos, durante os primeiros 35 annos do seculo actual, receberam 600 mil estrangeiros, que devem compôr o vigesimo da população.

As rendas publicas desta nação acham-se em mui prospero estado. Apesar das consideraveis sommas que o governo federativo applicou desde 1817 á construcção de fortalezas, e ao reembolso da divida nacional, o thesouro de Washington apresenta annualmente um excesso de receita satisfactorio. No 1.º de Janeiro de 1835 existia um saldo de, pouco mais ou menos, doze milhões de cruzados; e, o que ainda é mais notavel, a divida publica, que em 1816 era espantosa, estava nessa epocha inteiramente extincta, ou pelo menos restava apenas uma tenue quantia, que os credores ainda não tinham pedido.

Depois das alfandegas, que dão os quatro quintos da renda federativa, a venda de terras é um recurso principal do thesouro de Washington. Desde 1776 o governo comprára por modicas quantias innumeraveis porções de terreno, que hoje vende aos colonos por um preço relativamente muito subido; em 1836 ainda não tinha vendido o dizimo das terras, que comprou. Ora, como o valor das terras augmenta com o accrescimento da população, póde fazer-se idéa dos immensos recursos que este capital assim engrossado alcançará para a Confederação dentro em poucos annos.

O desinvolvimento da marinha mercante da União americana não tem exemplo nos annos do mundo commercial. Para não enfadar em combinações, e calculos, bastará dizer que a tonelagem desta marinha já em 1832 excedia a metade da tonelagem da marinha commercial da Graã-Bretanha e das suas colonias. O commercio costeiro cresceu em proporção. Quanto ao commercio interno, e á producção industrial e agricola, não ha sufficientes instrucções estatisticas; estão porém em mui florescente estado.

Mas o que sobre tudo merece a attenção da Europa é a prodigiosa rapidez com que os americanos da Confederação abrem canaes, e constroem estradas de ferro. O curso dos canaes nos differentes Estados avaliava-se em 966 leguas: só o Estado da New-York construiu á sua parte 180 leguas de canaes, que lhe custaram perto de 24 milhões pela nossa moeda, e de que tira talvez quasi dois milhões e meio de rendimento. Nas empresas de caminhos de ferro entram cinquenta companhias com o fundo de perto de 85 milhões de cruzados. — E. do *American Almanak*.

MINERAÇÃO.

Vimos um pequeno folheto, composto pelo Sr. barão d'Eschwege, e publicado recentemente pela academia das sciencias. É trabalho de summa curiosidade, e escripto com tal singelleza, e clareza, que está ao alcance de todas as intelligencias.

O auctor resume em breve quadro a historia das minas em Portugal; mostra como se estabeleceram e prosperaram a principio, e como vieram a definhar e morrer por culpa dos differentes governos, apontando tambem as causas moraes e physicas que obstaram ao seu progresso e augmento.

Vê-se d'esta obrinha que as minas dando apparentemente uma perda de mais de 77 contos de réis, produziram realmente um lucro de perto de 30 contos, além do beneficio de sustentarem mais de 400 familias de obreiros empregados na mineração dellas.

Agora que com as instituções liberaes este genero de industria deve prosperar, semelhante publicação é um serviço que o auctor e a academia fizeram á nação: mas cumpre que se attenda ás observações do illustre academico, de que sem conhecimentos metallurgicos e montanisticos todos os trabalhos serão baldados; bem como serão nullos os proveitos que d'aqui se esperam, se o governo não exercer uma superintendencia activa e severa sobre esses mesmos trabalhos.

MORTE DE FLORENCIO 5.º, CONDE DE HOLLANDA.

GERARDO de Velsen, implicado na invasão de Walcheren pelos flamengos, tinha soffrido uma prisão dilatada. Florencio reconhecendo-o innocente, restituiu-lhe a liberdade, e quiz, cumulando-o de beneficios, fazer-lhe esquecer os passados dissabores. Este conde tinha amado uma joven hollandeza de rara formosura. Quiz casa-la com Velsen, o qual em tom arrogante respondeu á proposta, que não era elle homem capaz de quinhoar a infamia d'uma mulher por outrem deshonrada. O conde indignado, replicou-lhe, que fosse qual fosse a mulher com quem casasse, certo estava de ser preferido a um marido tal como Velsen.

Pouco tempo depois, casou-se Velsen com a filha de Herman de Woerden. O conde encarregou o esposo de uma commissão fóra dos seus estados, o qual não desconfiando de cousa alguma, partiu; porém na sua ausencia fez o conde uma caçada nas cercanias do castello de Velsen, onde entrou, e com o pretexto de ter de declarar certos particulares á castellôa tocantes á commissão de seu marido, lhe pediu que fossem para um quarto mais escuso; porém apenas lá chegada, o conde agarrando-a empregou a violencia. Esta mulher desesperada cobriu-se de lucto, e não quiz tornar a ver ninguem. Quando voltou o marido recusou apparecer-lhe, e mandou-lhe dizer que era indigna d'elle. Velsen arrombou a porta da alcova, e obrigou sua mulher a confessar-lhe o motivo que tanto a penalizava. Longe de condemna-la por

um crime em que não tivera parte, consolou-a, e excitou-a a manifestar a Herman de Woerden, quanto acabava de revelar-lhe. Convocaram os parentes, e traçaram arrebatá-lo e entregá-lo a el-rei d'Inglaterra, seu inimigo depois que Florencio assignára um tractado com elrei de França. Tendo-se primeiro inteirado das intenções de Eduardo de Inglaterra, certo dia em que o conde estava em Utrecht descançando depois d'um jantar que lhe dera o bispo, veio Amstel desperta-lo para ir á caça. Montou o conde a cavallo e partiu com elle. Amstel o conduziu a uma selva onde os conjurados estavam emboscados. Apresenta-se-lhe Velsen, e o conde desembainha a espada, porém todos se lançam sobre elle, amarram-no ao cavallo e o conduzem a Muiden para embarca-lo. Mas os Kennemers, e os Wesifrisões tendo noticia do rapto do seu soberano, reúnem-se e correm apoz d'elle. Os conjurados, vendo-se perseguidos mettem-se pelos pantanos. Entre tanto cae por terra o cavallo de Florencio, e Velsen, temendo que lhe roubassem a presa, arranca, com muitas feridas mortaes, a vida ao seu soberano. Os Kennemers transportaram o conde para Muiden onde expirou. Velsen com os seus cúmplices encerraram-se no castello de Croonembourg, onde foram investidos e vencidos pelos hollandezes que os distribuíram pelas milicias de cada cidade, as quaes os fizeram morrer no supplicio da roda, excepto Velsen que foi rodado n'uma pipa cheia de pontas por dentro. Amstel e Woerden que se haviam evadido da Hollanda, morreram de miseria.

OS ANABAPTISTAS.

Os ANABAPTISTAS, assim chamados por ser um dos principaes dogmas da sua seita o condemnar o baptismo dos meninos, e rebaptisar os adultos, causaram sedições na Hollanda que as forças e a prudencia de Maria, então regente, a muito custo poderam dissipar. Em 1536 tinha crescido consideravelmente o numero destes herejes por que a doutrina que professavam offerecia independencia aos rusticos opprimidos pelos grandes. Os anabaptistas soffriam os mais horridos supplicios com inalteravel constancia, e com as suas mortes ganhavam novos proselytos. Diziam-se enviados de Deus, para destruir o reinado dos impios e fundar o dos sanctos. O seu enthusiasmo que mais parecia demencia do que zelo, infeccionou um povo innumeravel. Sublevaram-se em Munster, apoderaram-se da artilharia, e os catholicos que havia na cidade abandonaram-lhes a casa da camara, e refugiaram-se n'um dos bairros mais remotos. Cinco destes fanaticos saíram então, nus em pélla pela cidade, com a espada na mão, bradando com quanta força tinham: "A benção de Deus está sobre a cidade! A sua maldição está sobre a esquerda! Annunciaram aos seus irmãos da Hollanda que estavam senhores de Munster. Os de Amsterdam fizeram tumultos, e muitos foram presos por ordem dos magistrados. O conde de Waldec, bispo de Munster, reuniu tropas e investiu a cidade, porém foi rechagado com perda. Como lhes morresse o caudilho em uma sortida, puzeram á sua frente João Bokelszoom, chamado *João de Leide*, por ser alfaiate desta cidade. A extravagancia do seu fanatismo é incomprehensivel. Logo que o elegeram chefe, saiu de sua casa, inteiramente nu, com a espada na mão, gritando ao povo: "O rei promettido por Deus está na cidade! Dentro em pouco se manifestará!" Asseverava que o Padre Eterno o tinha enviado para dividir o seu povo em doze tribus, e para estabelecer doze juizes, que nomeou. Entregou a espada a Knipperdolling, e ordenou-lhe

que executasse as ordens do Altissimo, e Knipperdolling, caíu, sem dar-lhes quartel, sobre todos os partidarios do bispo. Este delegado homicida, entregou poucos dias depois a espada a João de Leide; e o proclamou rei da nova Jerusalem. Outro fanatico lhe poz na cabeça um diadema, dizendo, que o anjo lhe ordenava coroasse a João de Leide, e annunciando-lhe que o seu reinado se estenderia por toda a terra. João alardeava pompas pelas ruas. Os fanaticos que o precediam, matavam todo aquelle que não dobrava o joelho na presença do novo rei. Elle arrancou as freiras das clausuras e repartiu-as pelos seus sectarios, prescreveu a pluralidade das mulheres, e ficou com sete á sua parte, mas a uma só deu o titulo de rainha. Mandou Jacques Campen, para a cidade d'Amsterdam, da qual o tinha creado bispo, e Jacques Mathizoom para a Zelandia, com tropas.

Os anabaptistas que viviam em Amsterdam faziam frequentes reuniões. Muitos foram presos e executados. Sabendo o senado que na Frisa se junctavam em bandos tomou precauções para que não perigasse a segurança da cidade. Fizeram-se pesquisas, e vinte foram descubertos e mortos na praça publica; porém os Estados-geraes convocados em Malinas, negaram-se a seguir as intenções de Maria, que lhes propunha a morte de todos os anabaptistas, e tendo o conde de Hoogstraten mandado apprehender e encarcerar dois homens, alvorotaram-se os hollandezes, e só com promessas, acompanhadas de garantias, de que não attentariam contra a liberdade dos cidadãos, conseguiram fazer cessar os seus clamores. Com tudo, por se ter divulgado que os anabaptistas se dispunham a surprender Amsterdam, prenderam quinze homens, que foram queimados, e quinze mulheres, que, mettidas em sacco, foram lançadas ao mar.

A despeito de taes castigos, um alfaiate por nome *João Dideric*, reuniu em casa d'um homem de negocio sete homens e cinco mulheres; prostrou-se com a face em terra, e assim esteve algum tempo, e depois erguendo-se enthusiasmo exclamou: "O Eterno me conduziu ao ceu e ao inferno. O juizo final está proximo, e tu serás condemnado, accrescentou elle, apontando com o dedo para um da companhia, que se lhe lançou aos pés pedindo perdão. "O Eterno te concede, lhe disse elle, e te adopta por teu filho." Tomou depois este fanatico um capacete, uma couraça e a sua espada; despojou-se dos vestidos e lançou todos no fogo. Todos os da assemblea, homens e mulheres, o imitaram, e saíram para a rua gritando: "Desgraça! desgraça! O juizo final está proximo." Prenderam-os. Quizeram que se vestissem para comparecerem na presença dos juizes, e elles responderam que não tinham peijo; que a verdade andava inteiramente nua. Cortaram-lhes as cabeças. Depois desta execução prenderam muitos de ambos os sexos que corriam nus em pélla pelas ruas apesar do frio excessivo da estação, pois estavam então no rigor do inverno. Geelen, um dos chefes, tramava uma conjuração, cuja descoberta, poucos dias antes do marcado para a execução, não obstou a que houvesse um conflicto em que pereceram vinte cidadãos. Os mais dos conspiradores foram mortos, e as suas cabeças expostas em diversos logares. Campens que se intitulava bispo de Amsterdam foi mettido n'uma golilha com uma mitra de folha de flandres. Cortaram-lhe a lingua, as mãos, e finalmente a cabeça. O resto dispersou-se, e buscou refugio na Inglaterra.

Continuava o bloqueio de Munster, onde a fome havia chegado ao seu cumulo. João de Leide sentenciou á morte e executou uma das suas mulheres, por ter ousado exprobrar-lhe o viver na abundancia, no tempo que o resto dos cercados percia de fome em

torno d'elle. O fanatismo dava vigor a estes infelizes. Finalmente um dos capitães de João entregou a cidade ao conde de Valdec, que a deixou saquear, e fez passar tudo ao fio da espada, excepto João de Leide, Knipperdolling, e Kregting, que foram expostos ás zombarias das cidades visinhas, e depois d'isso atanzados e esquartejados, e os seus membros suspensos em gaiolas de ferro á torre de S. Zambesto.

MODO DE PREPARAR O CALDO D'OSSOS NOS HOSPITAES DE MONTPELLIER.

Os diversos meios de extrair a gelatina, até agora publicados, demandavam mais ou menos atenções e despezas. A administração dos hospícios de Montpellier achou um mais economico. Eis-aqui em que consiste:

Partem-se os ossos com uma machada, e reduzem-se a pedaços do comprimento d'uma pollegada até pollegada e meia. Deitam-se dentro d'uma panella de barro de maneira que occupem duas terças partes da sua capacidade. Junta-se-lhes agua; tapa-se a panella com um têsto. A panella assim cheia e tapada é mettida no forno logo que o pão acaba de sair d'elle, e alli se deixa ficar por espaço de quatro horas. Passado este tempo tira-se, e encontra-se um caldo muitissimo gordo e gelatinoso. Extrae-se este primeiro caldo, e deposita-se n'uma celha, ficando os ossos na panella, em que se torna a deitar nova porção d'agua. Mette-se outra vez a panella no forno, onde se conserva por espaço de seis horas; tira-se outra vez, e separa-se um segundo caldo muito bom, porém menos forte que o primeiro, com o qual se mistura. Enche-se a panella d'agua, pela terceira vez, e torna para o forno, e depois de seis ou sete horas acha-se terceiro caldo, mas de necessidade menos forte que os primeiros. Submettendo a estas tres experiencias uns treze arrateis de ossos separados da carne crua, e misturando os tres caldos que d'elles resultaram, obtiveram-se quarenta e seis libras de caldo, que, juntando-se-lhe alguns legumes, serviram para temperar a sopa de quatrocentos e quarenta pobres do hospital geral.

Não ha processo que exija menos habilidade, e que seja mais economico; porque poupa até a despeza do combustivel, que sempre tinha parecido indispensavel.

ETYMOLOGIA DE MAIO.

ERA ESTE o terceiro mez no anno de Romulo, ficou sendo o quinto no de Numa, e desde então conservou o mesmo logar no Calendario. O fundador de Roma deu-lhe 31 dias, e o seu successor reduziu-o a 30; porém Julio Cesar lhe restituiu o dia, que se lhe tirára. No primeiro dia delle os romanos offereciam sacrificios a Maia, mãe de Mercurio, e parece que naturalmente dahi veio a denominação do mez: comtudo não faltam eruditos commentadores, que affirmem que Romulo em honra do senado romano, cujos membros eram chamados *Majores*, ou supremos magistrados, lhe conservára o nome, que já antes delle tinha.

Os antigos representavam Maio na figura d'um mancebo bem parecido, coberto com uma vestidura branca e verde, bordada com varias flores, e com um cestro ou grinalda de rosas na cabeça, e um pavão aos pés; ou com uma lira n'uma das mãos, e um rouxinol na outra.

Annos
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

29 de Abril.

1785 — Morte do abbade Mably, irmão de Condillac. As suas obras mais notaveis são as *Observações sobre a Historia de França*, e as *Conver-*

sações de Phocion. Os polacos tinham pedido a Mably e a Rousseau uma constituição nova: contra a opinião de Rousseau, Mably propoz uma monarchia hereditaria, posto que admittisse que o rei não devia ter nenhuma auctoridade verdadeira.

1826 — O immortal D. Pedro 4.^o dá a Carta Constitucional aos portuguezes, e abdica depois a corôa.

30

1540 — Ruy Lourenço de Tavora governador de Baçaim, sabendo que o Bramaluco antigo senhor daquella cidade a vinha acometter, sae a espera-lo ao campo, e o derrota, fazendo-lhe grande estrago.

1795 — Morte de Barthelemy o auctor da *Viagem de Anacharsis*.

Maio 1

1460 — Descobrem os portuguezes as ilhas de Cabo-verde, tendo sido descoberto este cabo por Diniz Fernandes em 1445.

1625 — As armadas combinadas portugueza e castelhana recuperam a cidade da Bahia, de que estavam de posse os hollandezes.

1681 — Fallece em Padua o celebre Fr. Francisco de S. Agostinho Macedo, de quem fallamos a pag. 6 deste volume. Tinha 90 annos completos, havendo nascido em Coimbra no mesmo dia do anno de 1591.

2

1519 — Morte de Leonardo da Vinci, um dos principaes pintores da eschola italiana. A obra prima do seu pincel é a *Cea do Senhor* na igreja dos dominicos em Milão. Foi tambem celebre escultor, architecto, e musico.

3

1404 — Morre o Dr. João das Regras valido de D. João 1.^o e o maior jurisconsulto portuguez do seu seculo.

1455 — Nasce em Lisboa o principe D. João, depois rei de Portugal, 2.^o do nome.

1469 — Nasceu em Florença Nicolau Machiavello, cuja biographia escrevemos a p. 244 do 1.^o vol.

4

1814 — Fernando 7.^o derruba o governo constitucional em Hespanha.

5

1210 — Nasce em Coimbra o infante D. Affonso, depois rei de Portugal, 3.^o do nome.

1632 — Fallece o nosso illustre escriptor Fr. Luiz de Sousa, dominico, no convento de Bemfica, onde jaz sepultado.

1821 — Morte de Napoleão.

Os S.^{rs} Accionistas que ainda não pagaram a 4.^a prestação são pelo presente avisados para o fazerem no praso de oito dias contados da publicação deste annuncio; aliás ficarão sujeitos ás disposições dos artigos 11 e 12 dos Estatutos.

A pag. 132 do N.^o antecedente, na 2.^a estrophe do poemeto, a Rosa, onde se lê

Em seus esluvios a brisa,
deve ler-se

Em seus esluvios da manhaã a brisa.
— Este erro foi ainda emendado em grande numero d'exemplares.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE,